Ano XIV — Lisboa, Abril de 1958 — N.º 156

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. de Vitorino de Freitas, 9 LISBOA — 3
TELEFONES: Red. 636607—Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

23 DE ABRIL

FRATERNIDADE

Jesus Cristo, que veio à Terra para dar satisfação às maiores necessidades humanas, trouxe aos homens revelações preciosas, que encerram a solução dos seus mais graves problemas. Ele próprio apresentou-se como o Caminho — Aquele através de quem a humanidade podia ser reconciliada com Deus — e revelou-nos que esse mesmo Deus Soberano era Pai e todos nós irmãos. Nesta extraordinária descoberta — que a humanidade tem querido ignorar — está, afinal, o único caminho possível para que os povos consigam viver em Paz e a Felicidade possa reinar verdadeiramente na Terra.



Desenho de B.-P.

Baden-Powell teve o privilégio de sentir esta profunda convicção de fraternidade e, assim, estabeleceu como princípio fundamental de todo o Movimento que *O Escoteiro é irmão de TODOS os outros Escoteiros*. Ele sentia como sua grande responsabilidade o dever de inspirar à mocidade a consciência da fraternidade de todos os homens. As suas maiores iniciativas procuravam sempre atingir esse grande objectivo. Os Jamboris constituiam os acontecimentos que ao Fundador proporcionavam maior alegria e mais grata satisfação, porquanto, assistia, nessas magníficas ocasiões, à realização do seu mais alto sonho — colocar os jovens lado a lado, vivendo em conjunto, conhecendo-se, estabelecendo laços de profunda Amizade, que transpunham fronteiras, penetravam barreiras de raça, de opinião, de linguagem. Por isso afirmava: *Os escoteiros de todo o mundo são embaixadores da amizade, que se dedicam a criar amigos e a abater as barreiras erguidas pela cor, credo e classe social. É na verdade uma grande Cruzada. Aconselho-vos a que façais o que puderdes nesse campo, porque não tardareis a ser homens, e, se surgirem desavenças entre quaisquer nações, é sobre vós que cairá o peso da responsabilidade.*

Baden-Powell lembra aos novos a responsabilidade na difusão dos ideais de fraternidade, os únicos que poderão impedir o ódio e a guerra, evitar que o sofrimento e a morte assentem arraiais no Mundo.

O Dia do Escoteiro, que vamos comemorar, a mais importante data do calendário do nosso movimento, é uma das oportunidades que nos são oferecidas para dilatarmos este espírito de fraternidade. Baden-Powell diz-nos, também, que neste dia *todos os bons escoteiros se lembram de meditar na sua promessa e lei e saúdam os seus irmãos escoteiros espalhados no mundo.* Não deixemos, portanto, de o fazer. Que neste 23

(*Conclui na página seguinte*)

III Reunião Geral de Escoteiros Chefes Evangélicos

Conforme estava anunciado, realizou-se em 25 de Março passado a sessão inaugural desta III Reunião Geral, tendo presidido o Rev. Carlos Augusto de Vasconcelos, ladeado pelos srs. Henrique Alves de Azevedo, representando a Direcção dos Escoteiros de Portugal; D. Júlia Ribeiro, representando as Guias de Portugal; Eduardo Quintino Pinheiro, representando a Direcção dos Antigos Escoteiros de Portugal; João Anjos Saragoça, representando a direcção da Juventude Evangélica Portuguesa, e Eduardo Ribeiro, da Comissão Executiva daquela Conferência.

O Rev. Vasconcelos abriu a sessão com oração e o presidente da Comissão Executiva saudou os delegados das associações representadas.

O Chefe Capitolino Macedo leu as conclusões da II Reunião Geral. A anunciada conferência pelo Rev. Hélcio Lessa não pôde ser proferida em virtude de doença do conferente.

O representante dos Escoteiros de Portugal entregou à patrulha Leão do Grupo n.º 10, o galhardete «Dedicação», que está sendo disputado entre as patrulhas dos grupos evangélicos.

O aspirante do Grupo 8, Álvaro Ferreira Gomes, prestou Compromisso de Honra, tendo-lhe o Chefe do Grupo, sr. Idílio Gonçalves dirigido palavras de exortação, bem como o Rev. Carlos Vasconcelos, que lhe entregou um Novo Testamento.

As guias da Companhia Filipa de Vilhena e os escoteiros dos grupos 8, 10, 53 e 94 entoaram diversas canções, tendo em seguida apresentado saudações à Conferência os representantes da A. E. P. e da Fraternal, respectivamente srs. Azevedo e Quintino. O Rev. Vasconcelos manifestou a sua satisfação por poder participar naquela actividade de escoteiros.

A sessão foi encerrada depois de um programa de cinema escotista com filmes gentilmente cedidos pelo Instituto Britânico e pelos Serviços de Imprensa da Embaixada Britânica.

* * *

As sessões de trabalho começaram no dia 27, na sede do Grupo n.º 53. A primeira noite foi dedicada aos Lobitos. Apresentaram teses as srªs. D. Aurélia de Jesus Vale e Chefe D. Helena Leonor Pereira Balão e o sr. José Eduardo Pena Ribeiro. O alto nível dos trabalhos apresentados e das discussões que os mesmos proporcionaram dão-nos a esperança de que o lobitismo irá encetar um bom período de progresso. Notável o interesse da srª. D. Aurélia, especializada em educação infantil, que está activamente cooperando com as Alcateias dos grupos evangélicos. Presidiu a esta sessão o Escoteiro-Chefe Armando Lino.

A sessão do dia 28 foi dedicada ao Escotismo (rapazes de 12 a 16 anos de idade).

(*Conclui na página seguinte*)

FRATERNIDADE

(Conclusão da 1.ª página)

de Abril as nossas mensagens de saudação cruzem continentes levando a todos os nossos amigos a certeza de que continuamos fiéis aos altos princípios inspirados pelo Fundador. Sobretudo, que através da nossa presença e da nossa atitude todos possam saber que sem fraternidade não há nem pode haver Escotismo.

Lamentàvelmente alguns se esquecem desta verdade e buscam introduzir no Escotismo sentimentos diferentes, estabelecendo barreiras onde a amizade, a fraternidade e o companheirismo não têm lugar.

Ainda recentemente, um colega da imprensa escoteira publicava uma carta de um dirigente, por sinal prestigioso e conhecedor do movimento, em que se afirmava sem hesitação: *Depois dos Campos-Escola e da Insígnia de Madeira, poucos contactos nos interessam lá fora; e, desses poucos, não me seduzem os Jamboris, mas sim Conferências Internacionais do Escotismo Católico e acrescento-lhe agora um contacto directo com a «Cité des Jeunes»*. Um Escotismo que não tem interesse pelos contactos com outros escoteiros, que exclui da fraternidade outros membros do movimento; um Escotismo, sobretudo, que não é seduzido pelos Jamboris é uma inovação lamentável. Tal Escotismo não *seria* Escotismo. E dizemos não *seria* porque alimentamos a esperança de que tal maneira de sentir não será partilhada por outros responsáveis da mesma associação.

Importa-nos a nós evitar a todo custo que tais pensamentos possam gerar em nós espírito de menos amizade para com quaisquer outros escoteiros. Mas não hesitemos em denunciar como contrafacção qualquer Escotismo — seja ele qual for — que não aceite em toda a sua amplitude o ideal de fraternidade que tem animado e continuará a animar o Escotismo Mundial.

«Sempre Pronto», neste primeiro 23 de Abril após o Jubileu, envia aos seus muitos amigos em Portugal, no Brasil, na Espanha e em muitas outras nações, a mais fraternal saudação e exorta todos a escutar o conselho de B.-P., fazendo do ideal de fraternidade a grande Cruzada das nossas vidas.

III Reunião Geral

(Conclusão da 1.ª página)

Presidiu o Escoteiro-Chefe Capitolino Macedo. Apresentaram teses os chefes srs. Armando Lino e Samuel Vieira. O sistema de patrulhas e a necessidade da sua integral aplicação foi o assunto estudado com proveitosas vantagens.

A sessão da tarde, do dia 29, foi dedicado ao importante problema das relações do Escotismo com a Igreja. Presidiu o sr. Henrique Alves de Azevedo, representante da direcção da A. E. P. Apresentou uma tese o sr. Eduardo Ribeiro e fez oportunas considerações o Rev. C. Augusto de Vasconcelos. O assunto foi largamente discutido, tendo sido aprovadas conclusões de muito interesse. O escoteiro-chefe Samuel Vieira apresentou uma sugestão para que se realizasse uma reunião especial, em data a marcar, para tratar destes mesmos problemas, sessão para que seriam convidados elementos responsáveis das igrejas.

A sessão da noite foi dedicada aos Caminheiros, tendo presidido o sr. Eduardo Ribeiro. Apresentaram teses os srs. Caminheiro José de Jesus Ferreira, Escoteiro-Chefes Idílio Gonçalves e Capitolino Ferreira Macedo. Desta reunião saiu a interessante decisão de promover um trabalho mais intenso com os Caminheiros dos grupos evangélicos, tendo sido nomeada uma Comissão para estudar planos de trabalho.

A última sessão realizou-se no domingo à tarde, na sede do Grupo 8. Presidiu o sr. Joel Ribeiro. Além dos membros da conferência, estiveram presentes as srªs. Condessa de Estarreja e D. Maria de Meneses e Vasconcelos, respectivamente Comissárias Nacional e Internacional das Guias de Portugal, Drª. Justina Barata, Presbítero sr. Ladislau Pinheiro e Esposa, bem como o Rev. Carlos A. de Vasconcelos e Esposa, que acompanharam grande parte dos trabalhos. A sessão foi dedicada ao Guidismo, tendo apresentado interessantes teses as Chefes D. Júlia Gomes Pena Ribeiro e D. Maria Hermínia Pinto, às quais se referiu com apreço a Srª. Drª. Justina Barata.

Ao encerrar a sessão, foram aprovados votos de agradecimento às direcções das Guias de Portugal, Escoteiros de Portugal, Juventude Evangélica Portuguesa, ao Consistório da Igreja Evangélica Presbiteriana Lisbonense e à sua Sociedade de Senhoras.

Foram também aprovados votos de louvor e agradecimento aos jornais «O Século», «Diário de Notícias», «Diário Ilustrado», «Portugal Novo» e «Semeador Baptista».

A Conferência resolveu ainda enviar telegramas de saudação ao sr. Presidente dos Escoteiros de Portugal e à Junta Central do Corpo Nacional de Escutas.

* * *

Os membros da Conferência reuniram-se depois num jantar de confraternização, a que presidiu o Rev. Vasconcelos e que decorreu num ambiente de perfeita amizade.

Os membros da III Reunião Geral participaram no serviço religioso que nessa noite se realizou na Igreja da Rua Febo Moniz, terminando os seus trabalhos com o pensamento em Deus, agradecendo-lhe as bênçãos recebidas através desta actividade.

• O •

GUIDISMO

Na Ajuda, está em organização uma nova Companhia de Guias de Portugal, sob a orientação da Chefe sr.ª D. Júlia Ribeiro, auxiliada pela futura subchefe Menina Maria Luísa Teixeira.

As reuniões efectuam-se às quartas-feiras, às 21 horas, na Travessa Victorino de Freitas, n.º 9, onde podem dirigir-se todas as meninas interessadas. Quaisquer informações podem ser solicitadas pelo telefone 636607.

A nova Companhia conta já com algumas aspirantes e iniciará no Domingo, dia 27 do corrente, as suas actividades de Campo.



O ESCOTISMO NA CAPITA

Grupo n.º 94

No Domingo, dia 20 do corrente, na s[ede] do Grupo 94, realizou-se uma interessa[nte] cerimónia, durante a qual prestaram pro[mes]sa 4 novos lobitos, que foram engross[ar] fileiras da activa Alcateia daquele Grupo.

Na mesma ocasião, passou à Divisão [de] coteira o Lobito de 2.ª Estrela António [Jo]Dias Chaves. Foram ainda entregues [as] primeiras estrelas e quatro segundas estre[las] a lobitos.

O Lobito Daniel Tacão Monteiro foi ta[m]bém promovido a Guia de Alcateia. A no[va] Aquelá, Menina Maria Luísa Teixeira, pres[tou] Compromisso de Honra e fica a auxiliar a ac[tu]fia da Alcateia.

Numa outra cerimónia realizada n[a] mesma ocasião, prestaram Compromisso [de] Honra os novos escoteiros Fernando Ca[r]pos Belo, António Dias e José Manuel [da] Costa, que ingressaram nas patrulhas «Ca[s]» e «Águia».

* • *

Últimas Notícias

Jambori no Ar

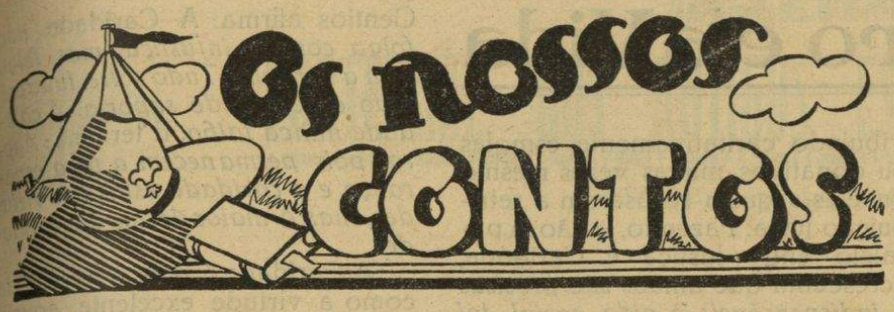
Tudo se conjuga para que o «Jambori no Ar», a realizar a par[t]ir das 0 horas de sábado, 10 de Maio, até às 24 horas de Domingo, dia 11, venha a constituir mais um grande acontecimento do mundo escoteiro. No Gilwell Park funcionará uma estação amadora de rádio, que terá o sinal de chamada «GB 3 BP» e operará em 160 metros em todo o tempo, 80 e 40 metros durante as tardes, e em 20, 15 e 10 metros se as condições forem favoráveis.

O Comissário Organizador do I Jambori no Ar operará da sua própria estação de Reading, Berkshire e o sinal de chamada é «G3BHK/A».

A Repartição Internacional do Escotismo estará também no ar das 8 da manhã às 6 das tardes de sábado e domingo, através de uma estação de rádio, que foi posta à sua disposição, e operará na secção canadiana, banda dos 10, 15 ou 20 metros. Desta estação será irradiada uma mensagem do Major-General D. C. Spry, Director da Repartição Internacional, que estará nessa altura em viagem para Honolulu.

Esperamos que Portugal participará também neste tão interessante Jambori, visto que entre os Amigos Escoteiros haverá, certamente, rádio-amadores. De qualquer forma, se os Grupos entrarem em contacto com as associações de amadores, certamente estas estarão prontas a cooperar nesta iniciativa.

Recomenda-se o rigoroso cumprimento das normas reguladoras das comunicações por rádio.



A MENTIRA

Poucos dias depois de ter chegado a Salcete, Angélica começou a alardear importância, de tal forma que não tardou a que a sua presença fosse dificilmente suportada.

Umas vezes, intitulava-se descendente de fidalgos; outras, possuidora de largos bens em Barcelos, terra da sua naturalidade. Quando na conversa alguém se referia a vulto importante nas letras, nas artes, na finança ou na governação, prontamente a Angélica observava:

— Esse senhor, embora um tanto afastado, ainda é meu parente.

Pouco a pouco, as pessoas das suas relações foram-se afastando. Certo dia, o Inácio, escriturário de Fazenda, muito conhecido pela sua irreverência, observou irònicamente:

— A senhora, pelo que oiço, é da família de toda a gente importante...

Angélica compreendeu o remoque, mas nada replicou.

O tempo passou-se, e, como a senhora não se modificasse, passou a ser o tema de todas as conversas. Mas, diz o ditado que *as mentiras não duram senão até que se descobrem as verdades.* O Inácio veio à Metrópole no gozo de licença graciosa, e tomou parte numa excursão ao Minho. Lembrou-se, ao passar por Barcelos, de que a Angélica dizia ser importante proprietária naquela linda cidade nortenha. Como não acreditasse muito nas prosápias de que ela se arrogava, quis, como se costuma dizer, tirar o caso a limpo...

Entrou num restaurante, e, não tardou a estar em animada conversação com a proprietária do estabelecimento. Palavra puxa palavra, ou, como diz expressivo rifão, *as palavras são como as cerejas*, e aí temos o Inácio a contar que tinha vindo da Índia.

— Da Índia? De que sítio? — indagou a senhora.

— De Salcete — respondeu Inácio. — Por tal sinal que até vive lá uma senhora daqui, chamada Angélica, que, segundo diz, é importante proprietária nesta cidade.

— Angélica? — retorquiu a senhora, pensativamente — De momento, não me recordo de quem seja. Mas, proprietária abastada não deve ser, pois nunca ouvi falar nessa senhora, e, pràticamente, conheço todas as pessoas daqui. Mas vamos ver se me recordo... Ela é casada ou solteira?

— É casada com um funcionário dos Correios, chamado Mexia.

— Ah, já sei! É a Angélica do *Bailhana*. Mas ela não é proprietária de coisa nenhuma. Quem não conhece o *Bailhana*... Dantes, andava nos bailes a tocar concertina e a cantar ao desafio; daí lhe veio a alcunha. Agora, coitado, corre todas as freguesias de Barcelos a pedir esmola.

— Ela, em Salcete, — observou Inácio — diz-se aparentada com as mais ilustres famílias de Portugal. Não há ninguém importante que não seja seu parente. E, toda cheia de importância, mostra o seu anel de brazão...

— Deixe-a a falar, meu caro senhor. A Angélica do *Bailhana*? — exclamou a mulher, com uma gargalhada espontânea e ruidosa. — A Angélica do *Bailhana* de família ilustre? Ela, coitada, nem sequer sabe quem é a família... Foi abandonada por uns saltimbancos em pequenina e recolhida, por esmola, pelo *Bailhana*. E olhe que ele, modesto trabalhador rural, chegava a passar privações para que nada faltasse à *sua menina*. Coitado, deu-lhe um ar e nunca mais foi homem afoito e trabalhador que era.

— E onde vive esse pobre homem?

— Num palheiro onde o deixam dormir por caridade. Sim, porque a Angélica, desde que foi lá para fora, nunca lhe mandou um centavo. Importante proprietária, de família nobre, a Angélica do *Bailhana*?... Ah, meu caro senhor, há muito tempo que não me rio com tanto gosto...

Ao proferir tais palavras, a proprietária do restaurante sacudia-se toda em gargalhadas. Depois concluiu:

— É bem verdadeiro o ditado que, às vezes, *o velho mente na sua terra e o novo em terra alheia.* O pior é — lá dizia a minha avó — que o *diabo tem uma manta com que tapa e outra com que destapa.*

Passados meses, terminada a licença, Inácio voltou a Salcete, e, tendo dito que, numa excursão, havia visitado Barcelos, logo os colegas lhe perguntaram como eram as propriedades da mulher do Mexia.

O funcionário de Fazenda contou a verdade, a qual, dentro em pouco, se tornou geralmente conhecida naquela pitoresca localidade. As poucas pessoas das relações de Angélica afastaram-se, não querendo continuar a manter intimidade com mulher de tão fracos atributos morais.

Angélica ficou coberta de ridículo. Algumas pessoas, menos generosas, quando passavam por ela, diziam umas para as outras, mas de forma que ela ouvisse:

— Ali vai a Angélica do *Bailhana*. Tem os maiores defeitos humanos: mente, é vaidosa...

— E ingrata, pois nem sequer auxilia o desgraçado homem que foi para ela um verdadeiro pai...

MANUEL FERREIRA

Torneio «Roberto Moreton»

As Alcateias dos grupos de Escoteiros Evangélicos de Lisboa, no intuito louvável de fomentarem o progresso do Lobitismo, instituíram um troféu — um totem de Alcateia — a que deram o nome de Roberto Moreton, em homenagem ao pioneiro do movimento escotista em Portugal e grande amigo das crianças. Este troféu foi gostosamente pirogravado pelo Caminheiro do Grupo 94, Armando Inácio.

A posse definitiva do troféu será conferida ao Bando que o conquiste três vezes seguidas ou cinco alternadas.

O primeiro concurso, que constou de jogos e provas de lobitos, realizou-se no passado dia 23 de Março, na Associação Cristã da Mocidade, com a participação dos Bandos Castanho, Azul e Branco do Grupo 94, Preto do 8, e Branco do 10.

Todas as provas foram entusiàsticamente disputadas pelos lobitos, sob a orientação dos Aquelás e do Júri, que era constituído pelos Srs. Eduardo Ribeiro, Quintino Pinheiro e Duarte Silva. No final, foi dada a classificação do 1.º concurso, que foi a seguinte:

1.º	— Bando	Castanho	— 94	com	52 pontos
2.º	— « «	Azul	— 94	«	41 «
3.º	— « «	Preto	— 8	«	38 «
4.º	— « «	Branco	— 10	«	32 «
5.º	— « «	Branco	— 94	«	16 «

O Sr. Eduardo Ribeiro fez entrega do respectivo totem ao bando 1.º classificado, e dum prémio individual aos lobitos, dirigindo algumas palavras de incitação.

É notável o desenvolvimento da alcateia do 94, tanto em quantidade como em qualidade, cujos dirigentes procuram com entusiasmo formar uma forte alcateia, para segurança do futuro do grupo, e estão preparando, para assumir o cargo de chefe da alcateia, a gentil Menina Maria Luísa Teixeira.

Que todos os dirigentes saibam compreender que mais vale uma árvore pequena com raízes fortes, sinal de um futuro promissor, do que uma árvore grande com fracas raízes, sujeita a ruir. — L. I.

Leia nas páginas 9 e 10 o
BOLETIM DA FRATERNAL

O Caminheiro e a Vida

Justiça ou Amor?

«Gazeta do Sul», interessante semanário, publicou, em 2 de Março passado, um excelente trabalho do seu colaborador sr. S. Martins Pereira, no qual judiciosamente é focado um problema que nos parece da maior oportunidade para ser considerado nesta Secção de Caminheiros, já que afecta a vida e atinge-a no campo económico, social e moral.

O articulista refere-se à falta de justiça na retribuição do trabalho e afirma, com razão: *O que há para aí de salários ridículos e injustos, que estão distanciados não apenas desse chamado «mínimo necessário de existência», muito subjectivo e susceptível de todos os abusos, mas sobretudo do verdadeiro rendimento económico do trabalho produzido!...*

O problema da justiça na recompensa do trabalho é um dos grandes assuntos que o Caminheiro deverá ponderar, visto que será afectado por ele, seja qual for o rumo que a sua actividade profissional possa ter. Alguns, porém, serão mesmo chamados a ocupar na sociedade posições de direcção e, necessàriamente, terão de assumir responsabilidades na distribuição de justiça. Sem dúvida, o homem, que forma o seu carácter na observância da Lei do Escoteiro e orienta a sua vida pelo alto ideal de SERVIR, não poderá, de ânimo leve, resolver acerca da justa retribuição do trabalho. Ele não poderá nunca guardar para si ou para a empresa que administra verbas que deveriam ser entregues ao trabalho, não se poderá sentir satisfeito com a sua consciência se os lucros das actividades comerciais ou industriais forem constituídos pelos salários negados aos que trabalham em vez de serem fruto do justo resultado da acção mercantil.

O Autor do referido artigo, nesta linha de pensamento, diz: *É desnecessário grande esforço e nenhuma subtileza para se demonstrar que qualquer sociedade, seja qual for a sua ideologia, regime ou cor, é tanto mais desenvolvida, social e econòmicamente, quanto mais completa for a Justiça que presida e inspire os seus componentes, o mesmo não se verificando, antes pelo contrário, onde a Caridade substitua ou simplesmente sobreleve a Justiça.*

Aqui o articulista condena — ponderadamente — aqueles que tendo deixado de praticar a Justiça, procuram iludir a sua responsabilidade praticando beneficência, distribuindo caritativamente esmolas ou donativos, muitas vezes mesmo àqueles a quem recusaram a retribuição justa. Fazendo, então, o paralelo entre Justiça e Caridade, acrescenta que *ambas são precisas e indispensáveis à vida social, tal como o alimento o é para a vida física, mas se for preciso, por hipótese, escolher uma das duas, parece-nos que a preferida seria sem dúvida a Justiça, até porque a prática integral desta virtude tornaria em muitíssimos casos desnecessária aquela, que deve começar onde esta acaba.*

Não podemos senão manifestar completa concordância com tão rectos pensamentos, porém, o mesmo não sucede já quando o Autor interpreta essa tal caridade como a *virtude sublime que Jesus Cristo implantou no Mundo*, terminando mesmo o seu artigo com a exortação: *Amemos e pratiquemos a Caridade, segundo os preceitos cristãos, mas amemos e pratiquemos ainda mais a Justiça, na certeza de que, se o fizermos, veremos reduzir extraordinàriamente o número de autênticos necessitados, esse cancro social que nos envergonha e que aumenta cada vez mais, como vemos, e que jamais deixará de aumentar enquanto a Caridade, mesmo a verdadeira, substituir a Justiça.*

Aqui é que deixamos de estar de acordo. A verdadeira Caridade, aquela que foi ensinada, inspirada e praticada por Jesus Cristo, é a maior virtude humana. Ela está acima da Justiça e onde não houver essa *verdadeira* Caridade, não poderá nunca haver Justiça. Essa caridade, cuja palavra tem perdido o sentido, exactamente porque os homens têm procurado mostrar caridade onde apenas há — quando há — beneficência, é Amor. É o Amor que Jesus Cristo ensinou quando disse «*Amai-vos uns aos outros assim como Eu vos amei a vós*». Esse Amor é dádiva completa, é serviço constante pelo próximo, é generosidade, é sacrifício pelo semelhante, é oferta da própria vida para salvar a alheia.

O Apóstolo S. Paulo exorta-nos àcerca da caridade cristã, apontando-a como o *caminho mais excelente*, e diz: *Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse caridade, seria como o metal que soa ou como o sino que tine. (...) E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado — e não tivesse caridade — nada disso me aproveitaria.* Apresentando-nos depois as características da caridade, o Apóstolo dos Gentios afirma: A Caridade *não folga com a injustiça, mas folga com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. A caridade nunca falha.* E termina: *Agora, pois permanecem a fé, a esperança e a caridade, estas três virtudes, mas a maior destas é a caridade.*

A Caridade é, pois, apresentada como a virtude excelente, aquela que sobreleva todas as grandes virtudes, porque esta Caridade é Amor. Sem Amor não pode haver Justiça. O que falta na sociedade dos nossos dias é o sentimento profundo da caridade cristã. Se um patrão pode consentir, trabalhando em seu derredor, pessoal atravessando sofrimento e miséria, enquanto ele engorda com o produto do seu esforço, é simplesmente porque não sente a menor parcela de Amor por aqueles que são, afinal, os seus principais colaboradores. Sem dúvida, a Justiça é indispensável no Mundo. Mas a Justiça só está prejudicada onde falta o Amor. Quando o homem sente verdadeira simpatia pelo seu irmão, pelo seu companheiro, pelo seu colaborador, o problema da Justiça não está em causa porque o Amor sobreleva a Justiça.

Os actos de beneficência, feitos para alardear caridade, carecem completamente da excelente virtude da Caridade Cristã. Tudo quanto o homem puder fazer de bom na vida será apenas vaidade se não for feito por Amor.

O Caminheiro prometeu solenemente *Amar a Deus, a Pátria e o Semelhante.* O seu *caminho* está certo. Se fizer da sua Vida um hino de Amor nunca deixará de praticar a Justiça; porque a Justiça só pode ser verdadeiramente praticada por aqueles que sintam pulsar no seu peito um coração repleto de simpatia para com o próximo.

LOBO VELHO

N. da R. — Esta Secção, dedicada a Caminheiros, espera as opiniões dos leitores, a discussão franca das opiniões expressas.

ANTIGOS ESCOTEIROS

Secção Filatélica

A Secção Filatélica da nossa Fraternal está organizada e em pleno funcionamento. Propõe-se esta Secção promover um contacto entre escoteiros e antigos escoteiros filatelistas, nacionais e estrangeiros; organizar um ficheiro de coleccionadores, por temáticas, que ficará à disposição de todos os inscritos; facilitar a aquisição de novas emissões, promover reuniões filatélicas para troca de selos, organizar exposições, participar em actividades filatélicas.

Para fazer face às despesas, foi instituída uma taxa de inscrição de apenas Esc. — 2$50 e uma quota anual de Esc. — 5$00, encargos limitados ao alcance de todos que desejem participar neste empreendimento.

As inscrições poderão ser feitas na sede da Fraternal, na Rua de S. Paulo, 254 - 1.º, em Lisboa, às terças e sextas-feiras, ou por carta, remetendo Esc. — 7$50 em selos postais.

BOLETIM DA

FRATERNAL DOS ANTIGOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

RUA DE S. PAULO, 254, 1.º — LISBOA

ABRIL—1958

Saudação

A Direcção, eleita para o biénio de 1958/1959, saúda todos os Companheiros Antigos Escoteiros do mais humilde ao mais ilustre, espalhados por todo o Mundo.

Saúda o Presidente da A. E. P. bem como todos os restantes componentes da sua Direcção;

Saúda todos os Grupos de Escoteiros e, em especial, os seus jovens escoteiros, homens de amanhã, futuros componentes da nossa Fraternal;

Saúda a Imprensa e a Rádio, organismos sempre simpáticos e prestáveis para as nossas iniciativas.

Saúda, ainda, os Antigos Escoteiros componentes das Fraternais existentes em todos os Países.

A DIRECÇÃO

SONHO OU REALIDADE?

Sempre fui de opinião de que a Fraternal não se deve limitar a registar os Antigos Escoteiros, dos quais só uma pequena minoria pagaria quotas, nem a uma sede para reuniões da Direcção, nem, ainda, a uma actividade lá de vez em quando. Não, não é assim que entendo a Fraternal e, se me é permitido sonhar, penso que ela se poderá transformar naquilo que todos nós desejamos. Para isso basta que tenhamos força de vontade e persistência.

Julgo que será possível, dentro em breve, se todos trabalharmos para tanto, pôr em execução alguns empreendimentos de evidente utilidade, como sejam os Serviços Sociais, de Advocacia, de Empregador e de Assistência Moral. Quais seriam os privilégios com que estes serviços nos habilitariam?

Exemplifiquemos cada um deles:

Serviço Social: Quando um Antigo Escoteiro, à míngua de recursos, necessitasse de médico e de medicamentos, tanto para si como para os seus familiares, recorreria à Fraternal que, através do Serviço Social, lhe facultaria a assistência indispensável.

Advocacia: Um nosso Companheiro, formado em Direito, daria, àqueles que precisassem de ser assistidos ou aconselhados, a oportunidade de recorrerem aos seus serviços.

Empregador: Todos os Antigos Escoteiros que necessitassem de se empregar ou de um empregado, poderiam procurar resolver essa dificuldade por intermédio da Fraternal. O Antigo Escoteiro ofereceria a garantia da educação recebida para ser digno de uma escolha para uma colocação.

Assistência Moral: Aqueles que, nas evoluções da vida, se vissem em dificuldades, desmoralizados ou carecendo de auxílio moral, no caso de um Companheiro vir ao conhecimento dessa situação, comunicaria o facto a este serviço da Fraternal que tentaria reconfortá-lo moralmente e encontrar a solução para essa crise. Dar-se-ia assim cumprimento ao artigo 4.º da Lei do Escoteiro que diz «o escoteiro é amigo de todos e todos os escoteiros são seus irmãos».

Isto é, em parte, o que a Fraternal poderá oferecer a cada um de nós e ser uma razão para a sua existência. Será sonhar? Talvez não.

Porém, há ainda outra faceta muito importante, na qual esta organização poderá desenvolver uma acção muito interessante. Refiro-me à *confraternização*. É este um dos objectivos principais, pois que, por meio das reuniões de confraternização, se revivifica e fortalece o nosso espírito dentro da Lei do Escoteiro. Este alvo seria atingido através da realização de almoços, chás, excursões, visitas aos Grupos de Escoteiros, etc.

Algumas outras secções poderiam ainda ser criadas, as quais seriam um motivo de união entre os associados. Por exemplo, a secção Campista, actividade própria de antigos escoteiros, a Filatelia, a Fotografia, a Secção Cultural, com a sua biblioteca, a organização de visitas e conferências, actividades indispensáveis a uma colectividade como é esta Fraternal.

A terminar estas considerações, desejo afirmar que ainda sou de opinião de que muitos empreendimentos se poderão levar a efeito dentro desta organização. Será isto sonhar? Muitos podem dizer que sim, eu, por mim, estou convicto de que não.

EDUARDO QUINTINO PINHEIRO
VICE-PRESIDENTE DA DIRECÇÃO

Almoço de Confraternização

Vai a nossa Fraternal proporcionar a todos os antigos escoteiros mais uma oportunidade de confraternizar, realizando, para o efeito, um almoço que se efectuará no domingo, dia 4 de Maio, pelas 12.30 horas, em local que será indicado aos inscritos.

O local a escolher depende do número de inscrições que se atinjam.

O preço do almoço é de 35$00 por pessoa e nele podem participar todos os antigos escoteiros, quer sejam ou não sócios da Fraternal.

Estamos certos de que a realização deste almoço constituirá uma manifestação de fraternidade escotista e mais uma ocasião de revermos velhos amigos, antigos companheiros das lides escotistas.

As inscrições, que só são aceites até 1 de Maio, impreterìvelmente, podem ser efectuadas na nossa sede, às terças e sextas-feiras, tanto directamente como pelo telefone 21353 ou todos os dias na rua da Prata, 141, 2.º ou pelo telefone 36 73 73.

Corpos Gerentes eleitos para o biénio de 1958-59

Conselho Nacional

Presidente — Com. Álvaro de Melo Machado.
1.º Vice-Presidente — Rev. Eduardo Moreira.
2.º Vice-Presidente — Dr. Francisco Cortez Pinto.
1.º Secretário — António Xavier de Brito.
2.º Secretário — Comandante Luciano Sena Dentinho.

Direcção

Presidente — Dr. Alfredo Tovar de Lemos.
Vice-Presidente — Eduardo Guião Quintino Pinheiro.
1.º Secretário — José Dionísio dos Santos.
2.º Secretário — Almerindo Gonçalves Fernandes.
Tesoureiro — Ernesto Clímaco do Nascimento.
1.º Vogal — Manuel Alvim Leal.
2.º Vogal — Luís António dos Santos.

Conselho Fiscal

Presidente — Prof. Aníbal Ramos.
Secretário — Eduardo Ribeiro.
Relator — Dr. Eugénio Henrique Ramos.

BIBLIOTECA

Seria imperdoável que a nossa Fraternal não posuísse uma biblioteca. No entanto, não acontece assim; a nossa Fraternal tem uma biblioteca, mas... há que empregar, neste caso, o eterno mas. De facto, a que existe não pode, de forma alguma, satisfazer os nossos mais modestos desejos.

Os volumes que possuímos são em pouca quantidade e de pouco valor. E uma biblioteca é, por assim dizer, o espelho da cultura da colectividade que a possui. Se tomarmos este princípio como norma neste caso, concluiremos que a nossa cultura é muito baixa. Livros de anedotas, romances baratos, ou seja a chamada cultura de cordel, têm larga representação nas nossas estantes, desde a «História da Manuelinha» até à «Isaura, não te quero».

Pois a nossa biblioteca precisa de ser um espelho mais fiel da cultura dos antigos escoteiros. Para que isso possa ser uma realidade, apelamos para todos que, conscientes de serem os bons livros os melhores amigos, contribuam com as suas ofertas generosas para o engrandecimento da biblioteca da Fraternal.

Nestas linhas, será dada notícia dos companheiros para quem este pedido não cair em saco roto.

TERTÚLIA

Estamos envidando esforços para encontrar um local, em sítio central, onde nos possamos reunir mensalmente. O local deve ter condições tanto para comportar um grande como um pequeno número de convivas, e, sobretudo, deve ser económico...

Quem nos dá uma sugestão?

Se alcançarmos este obectivo, esperamos que, dentro em breve, nos possamos reunir no dia 23 de cada mês.

As nossas Secções

FILATÉLICA

Já é um facto a existência desta Secção, inicialmente composta pelos nossos Companheiros José Manuel Miranda de Melo, António Mira Calhau e Ernesto Clímaco do Nascimento, como delegado da Direcção.

Todos os Companheiros que se dediquem à Filatelia, podem dirigir-se a esta Secção, inteirando-se dos seus objectivos.

Reuniões, exposições, permuta, tudo está no seu âmbito. Se o Companheiro não é filatelista, pode, no entanto, participar nesta realização, bastando, para isso, que nos envie os selos que possa.

Não esqueça. Se é filatelista colabore; se não é, mande os selos que nós muito agradecemos.

CAMPISTA

Estamos a tentar dar vida a esta Secção, esperando vir a agrupar todos os Companheiros que se dedicam a esta saudável prática e que sabemos serem uns centos. Se todos os Antigos Escoteiros vierem a reunir-se nesta nossa Secção, ela transformar-se-á num dos maiores baluartes do Campismo e, para isso, não é preciso muito; basta que todos o queiram.

Na organização desta Secção, estamos aplicando toda boa vontade e esperamos em breve poder anunciar a realização do 1.º Acampamento de Antigos Escoteiros, que, possivelmente, se realizará na Mata da Costa da Caparica, no decorrer do mês de Agosto.

Se a ideia lhe interessa, dê provas disso, comparecendo na nossa Sede participando nos nossos trabalhos.

O Companheiro é Campista? Tem agora uma Secção e uma sede onde pode aplicar a sua actividade. Cá o esperamos.

DELEGAÇÕES

Estamos fazendo diligências para que sejam criadas delegações da Fraternal no Continente, Ilhas e Províncias Ultramarinas, conforme prevê o nosso Regulamento. Temos ainda a ambição de dar vida a Delegações no Brasil, principalmente no Rio de Janeiro e em S. Paulo, em que o patriotismo dos antigos escoteiros de Portugal justifica sobejamente este empreendimento.

Um nosso Companheiro, como delegado itinerante, será um elo de ligação entre a Fraternal e os antigos escoteiros espalhados por todo o Portugal.

Aproveitamos o ensejo para saudar os Companheiros da Delegação do Algarve e, em especial, o delegado sr. João Lobo Miranda Trigueiros. Saudamos ainda os companheiros srs. Arnaldo Couto e Jacinto dos Reis Moniz Silva, indigitados futuros delegados no Porto e nos Açores, respectivamente, com o esforço dos quais contamos para que em breve essas delegações sejam uma realidade.

Aguardamos a adesão e o interesse dos antigos escoteiros para que possam ser criadas novas delegações noutras localidades.

NOTÍCIAS DA SEDE

- A nossa sede encontra se aberta todas as 3.as e 6.as feiras, das 21,30 às 23,30.
- A Direcção reúne às primeiras e terceiras 5.as feiras de cada mês.
- Existe uma grande lacuna quanto aos endereços de muitos companheiros, pelo que solicitamos o favor de nos indicarem os mesmos.
- A Direcção luta com grande falta de colaboração da parte dos associados, pedindo a ajuda daqueles que lha possam e queiram dar.

Dr. Tovar de Lemos

Atingido por uma grave enfermidade, já se encontra, felizmente, em franca convalescença o nosso Presidente, Sr. Dr. Tovar de Lemos, a quem desejamos um pronto restabelecimento.

Visitas aos Grupos

Esperamos, em breve anunciar a data da visita ao Grupo 85 (Escoteiros Marítimos) onde, a exemplo do já sucedido aquando das visitas aos outros Grupos, esperamos a comparência dos antigos escoteiros.

Corpos Gerentes da Fraternal

Conselho Nacional

Reuniu-se na nossa sede, no dia 10 de Janeiro, o Conselho Nacional a fim de proceder à apreciação do relatório e contas referentes ao biénio de 1956/1957 e eleição dos corpos gerentes para o biénio de 1958/-1959. Com reduzida assistência de sócios, foram aprovados, por unanimidade, tanto o relatório como as contas da Direcção cessante.

Procedeu-se, em seguida, à eleição dos novos Corpos Gerentes sendo presentes duas listas, uma apresentada pela Direcção cessante e outra por um grupo de sócios, sendo esta aprovada por unanimidade.

Foi traçado o elogio do Ex.mo Senhor Dr. Tovar de Lemos, Presidente tanto da Direcção cessante como da eleita, o qual não se encontrava presente por motivo de saúde.

Acto de Posse

Em 21 de Janeiro, na nossa sede, tomaram posse dos lugares para que foram eleitos os novos corpos gerentes, os quais com excepção do Presidente do Conselho Nacional, do Presidente da Direcção e do Relator do Conselho Fiscal, estiveram todos presentes, manifestando assim a fé nos destinos da Fraternal.

Neste acto, usaram da palavra os Exm.os Senhores Rev.º Eduardo Moreira, que presidiu, Dr. Cortez Pinto, Prof. Aníbal Ramos e, ainda, o Vice-Presidente, o qual traçou o plano de trabalhos da Fraternal para o biénio de 1958/1959.

APRESENTAÇÃO

Sabeis que existe uma Fraternal dos Antigos Escoteiros?

Se não o sabeis ainda, queremos dizer-vos que ela existe e que tem uma missão a cumprir, missão que a nova Direcção pretende realizar.

É chegado o momento de pormos em prática aquilo que gostaríamos já ter visto realizado. Para isso, estamos aqui presentes, juntos daqueles que, sócios ou não da Fraternal, são Antigos Escoteiros.

Vamos, pois, dar-lhes conta dos nossos ideais, começando por afirmar:

Que a nossa Fraternal é para TODOS os Antigos Escoteiros, quer sejam ou não sócios. No entanto, para realizarmos os nossos objectivos, precisamos que TODOS sejam sócios.

Que a Direcção sente a necessidade do mais íntimo contacto e colaboração com a massa associativa.

Que a nossa sede não é para abrigar uma Direcção divorciada da massa associativa, mas sim para albergar TODOS os antigos escoteiros.

Que será necessário muito trabalho para atingirmos os objectivos que temos em vista, que só serão alcançados com a ajuda de todos.

Que, com o esforço em conjunto de todos com a Direcção, levaremos a Fraternal ao lugar que ambicionamos.

Que jamais esqueceremos que UMA VEZ ESCOTEIRO, SEMPRE ESCOTEIRO!

Anti-Semitismo, Racismo e Segregação Racial

III

Quando se supunha que todo o ódio de raça, toda aquela soma de complexos inibitórios que vinham do passado, do fundo dos séculos, tinha passado e que os ideais de fraternidade que o Cristianismo ajudara a definir reinariam em toda a Terra no dealbar deste século, eis que a França, o país que levara a todo o Mundo a nova mensagem nascida da Revolução, esse país a que todos os perseguidos se acolhiam na certeza de aí se encontrarem livres de toda a perseguição e livres ainda de seguirem as suas ideias conforme o seu espírito, esse país que todos os inconformistas buscavam, para que todos os sequiosos de justiça se voltavam, e que todos os que amavam a Liberdade consideravam a sua segunda pátria, a França vai dar, no final do século XIX, o espectáculo a um tempo triste e odioso de perseguir um pobre e inofensivo oficial do exército simplesmente por ser judeu, em holocausto a um ideal obsoleto e para salvar a honra dum patife sem qualquer espécie de escrúpulos, que — o cúmulo da desfaçatez! — se arvorou durante um momento em símbolo do glorioso Exército francês.

O major Walsin-Esterhazy, de ascendência húngara, pessoa sem escrúpulos de qualquer ordem, crapuloso e sem a mais leve noção de moral, ainda a mais elementar, depois de adoptar variados expedientes para arranjar dinheiro para continuar a sua vida de estroina, resolveu oferecer os seus serviços à Embaixada alemã em Paris, propondo-se, nada menos, do que ceder ao adido militar alemão segredos relativos a armamento e ao sistema de mobilização da França, a troco, evidentemente, de paga liberal. Mas Esterhazy não tinha ligações directas com o Estado Maior francês e assim não podia vender nada que pudesse considerar-se «segredo». O que ele pretendia era ùnicamente uma chantagem, melhor ainda uma burla, pura e simples. E assim certo dia enviou ao adido alemão, coronel Schwartzkoppen, um *bordereau* ou nota descriminativa de documentos a remeter, que o adido, melhor informado do que o pseudo espião, atirou para o cesto dos papéis, aonde o foi desenterrar a encarregada da limpeza que se encontrava ao serviço da repartição da contra-espionagem do Ministério da Guerra francês.

Deliberadamente, ao que parece provado, procurou-se alguém entre os oficiais que trabalhavam então em Paris no Estado Maior, cuja letra se assemelhasse à do *bordereau*, recaindo as culpas sobre o capitão Alfredo Dreyfus, alsaciano de origem judaica, que foi imediatamente preso, julgado sem quaisquer provas, condenado à exautoração militar e deportado para a Guiana francesa, onde penou, nas mais horríveis condições, durante quatro anos, os mais atormentados que qualquer homem jamais suportou. Não havia provas absolutamente nenhumas sobre que pudesse basear-se tão infame acusação e tão odiosa condenação. Havia, porém, o envenenamento dos espíritos preparado pelo desvairado Drumond e seus sequazes que, no livro e no jornal, procuravam incitar os Franceses a lançarem-se contra os Judeus, culpando estes da corrupção do regime, corrupção em que afinal se comprazíam tantos militares e muitos deles até de famílias nobres, O excessivo nacionalismo *chauvin*, consecutivo à guerra franco-prussiana, atingia então uma das suas fases mais dramáticas, começando nessa altura a doutrinação da violência que teve e ia ter ainda por muitos anos em Carlos Maurras o seu mentor.

A condenação de Dreyfus deveu-se a esse espírito reaccionário que desde então se desenvolveu num crescendo de ódio que rebentou feroz e assolador no penúltimo ano do século. Efectivamente, em 1897 Mateus Dreyfus, irmão do degredado, adquirida a certeza de que o autor do *bordereau* fora Walsin-Esterhazy, acusa-o pùblicamente, e a despeito dos protestos deste e duma parte da opinião pública furiosamente anti-semita, consegue ao fim de dois anos que se faça a revisão do processo condenatório do irmão, que regressou da Guiana para ser julgado novamente.

Mas a campanha anti-semita chegou a tal ponto que um momento a Europa atónita receou ver a França pegar em armas para se dilacerar a si mesma em violenta guerra civil. Dum lado havia os anti-dreifusistas violentos, como o velho Rochefort (que renegava então todo o seu passado de lutador contra o império de Napoleão III), Carlos Maurras, fundador da *Action Française* (que meio século mais tarde seria condenado por sua vez como colaboracionista dos alemães durante a II Guerra Mundial), Maurício Barrès, o notável escritor que começava a afirmar-se, Déroulède, o poeta cantor de *revanche* cujas canções todo o francês *revanchard* sabia de cor, e muitos outros, entre que sobressaía o jovem Leão Daudet, braço

(Conclui na página seguinte)

«Jambori no Ar»

Está despertando o maior entusiasmo no Mundo Escoteiro a interessante iniciativa, dedicada aos amadores de rádio, de um grande Jambori no Ar. *Scout Leader*, órgão dos Escoteiros Canadianos, apresenta este empreendimento dizendo: *Aqui está alguma coisa de novo debaixo do Sol.* O acontecimento será realizado nos dias 10 e 11 do próximo mês de Maio. Todos os operadores de rádio, interessados no Escotismo, são convidados a estar à escuta, procurando estabelecer contacto com os outros escoteiros ou estações ao serviço dos escoteiros.

O «Jambori» começa à meia-noite de sexta-feira e termina à meia-noite de Domingo. Os amadores poderão acrescentar ao sinal de chamada o indicativo «C Q JAMBOREE» e poderão assim obter resposta de outros amadores interessados neste interesante intercâmbio escotista.

A ideia desta actividade surgiu do êxito obtido pela estação de rádio montada em Sutton Park, por ocasião do Jambori Mundial, estação que obteve um considerável número de comunicações.

Uma estação especial com o sinal de chamada GB3 será estabelecida no célebre Campo Escola de Chefes de Gilwell Park. O General Spry director da Repartição Internacional de Escotismo, gravará uma mensagem para ser emitida nesta ocasião. Espera-se que a Repartição Internacional esteja em contacto com todos os rádios amadores escoteiros em Otava, Havana e Manila.

Recomenda-se às associações escoteiras para estabelecerem contacto com as Sociedades de Rádio Amadores, pois certamente estas estarão prontas a cooperar com os Escoteiros neste empreendimento.

Recomenda-se a todos os Escoteiros o fiel cumprimento das disposições legais que regulam estas actividades.

Qualquer informação acerca do JAMBORI NO AR poderá ser obtida de:

Hon. Organiser. Boy Scout Jamboree on the Air. 965 Oxford Road, Tilehurst-on-Thames, Reading, Berks, England.

«Sempre Pronto» gostaria de ter conhecimento se algum rádio amador português está interessado neste JAMBORI NO AR, pelo que agradecemos muito qualquer notícia nesse sentido.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

FILATELIA ESCOTEIRA

Dado o grande interesse e entusiasmo de que é alvo a filatelia, no nosso País como em todos os pontos do globo, parece-nos oportuno discriminar, para elucidação e orientação dos leitores que ao assunto se dedicam, os selos apresentados na exposição de filatelia temática escotista realizada em Vila Real de Santo António, de 1 a 8 de Dezembro de 1957, pelo Grupo N.º 60, certamente que demonstrou bem a expansão alcançada pelo Escotismo e o carinho de que este é objecto em variadíssimos países. Os números mencionados a seguir ao ano de emissão, correspondem aos do catálogo Ivert-Champion:

Austrália — 1948 — N.º 163 — Comemorativo do Jamboree Pan-Pacífico; 1952 — N.º 189 — Comemorativo do Jamboree Pan-Pacífico.

Áustria — 1951 — N.º 800 — Comemorativo do VII Jamboree Mundial, em Bad Ischl.

Bahrain — 1957 — série de 3 selos comemorativa do Jamboree do Jubileu.

Bélgica — 1957 — N.ºs. 1021/2 — Série comemorativa do Centenário de Baden-Powell e do Jubileu do Escotismo.

Brasil — 1954 — N.º 574 — Comemorativo do Acampamento Internacional de Patrulhas. 1957 — Selo comemorativo do Centenário de Baden Powell.

Canadá — 1955 — N.º 283 — Comemorativo do VIII Jamboree Mundial.

Coreia do Sul — 1957 — N.º 158/9 — Série comemorativa do Jubileu do Escotismo.

Cuba — 1955 — N.º 416 — Comemorativo do Acampamento Nacional de Patrulhas; 1957 — N.ºs. 449 e 152 — Série comemorativa do Centenário de Baden Powell.

Coração — 1957 — N.ºs. 246/8 — Série comemorativa do Jubileu do Escotismo.

Egipto — 1956 — N.ºs. 379/81 — Série comemorativa do II Jamboree Árabe.

Estados Unidos — 1948 — N.º 525 — Dedicado à fundadora do Escotismo feminino norte-americano, Juliette Gordon Low; 1950 — N.º 546 — Comemorativo do Jamboree Nacional de Walley Forge.

Filipinas — 1948 — N.º 351/2 — Série comemorativa do XXV Aniversário do Escotismo nas Filipinas; 1954 — N.ºs 425/6 — Comemorativos do I Jamboree Nacional; 1957 — N.ºs. 451/1A — Comemorativos do I Jamboree Feminino.

Finlândia — 1957 — N.º 453 — Comemorativo do Jubileu do Escotismo.

Formosa — 1957 — N.os 228/30 — Série comemorativa do Jubileu do Escotismo.

França — 1947 — N.º 785 — Comemorativo do VI Jambori Mundial em Moisson.

Holanda — 1937 — N.ºs 292/4 — Série comemorativa do V Acampamento Mundial em Vogelenzang; 1949 — N.ºs. 505/6 — Selos com motivo escotista da série pró-juventude.

Hungria — 1925 — N.º 376 — Selo com motivo escotista de série pró-agremiações desportivas; 1933 — N.ºs. 462/6 — Série comemorativa do IV Jamboree Mundial, em Gödöllö; 1939 — N.º 538/41 — Série comemorativa da I Festa das Pax-Ting (Organização escotista feminina húngara).

Índias Holandesas — 1937 — N.ºs. 212/3 — Série comemorativa do V Acampamento Mundial, em Vogelenzang,

Indonésia — 1955 — N.ºs. 92/96 — Série comemorativa do I Jamboree Nacional.

Inglaterra — 1957 — N.ºs. 302/4 — Série comemorativa do Jamboree do Jubileu.

Irão — 1950 — N.º 745 — Selo com motivo escotista; 1956 — N.º 869 70 — Série comemorativa do II Jamboree Árabe; 1957 — N.º 889 — Comemorativo do Centenário de Baden Powell.

Jamaica — 1952 — N.ºs. 157/8 — Série comemorativa do I Jamboree das Caraíbas.

Japão — 1949 — N.º 434 — Comemorativo do Jamboree Nacional.

Liechtênstein — 1953 — N.º 277/80 — Série comemorativa da XIV Conferência Internacional, em Vaduz; 1957 — Série de 2 selos comemorativa do Centenário de Baden Powell.

Lituânia — 1938 — N.ºs. 262/5 — Série comemorativa do Jamboree Nacional.

Luxemburgo — 1957 — N.ºs. 526/7 — Série comemorativa do Centenário de Baden Powell.

Nicarágua — 1948 — N.º 736 e N.º 278 — Selos com motivo escotista; 1956 — N.ºs. 797/801 e N.ºs 348/57 — Série comemorativa do Centenário de Baden Powell.

Nova Zelândia — 1944 — N.ºs. 267/8 — Selos com motivo escotista, de série pró-infância; — 1953 — N.ºs. 323/4 — Selos com motivo escotista, de série pró-infância.

Anti-Semitismo, Racismo e Segregação Racial

(Continuação da página anterior)

direito de Maurras no movimento realista dos começos do nosso século.

Do outro lado havia os dreifusistas, *dreyfusards* como lhes chamavam pejorativamente, entre os quais alinhavam o já grande escritor Anatole France, Jorge Clemenceau (futuro organizador da vitória em 1917), Octávio Mirbeau, Bernardo Lazare e aos quais se juntaria depois o glorioso Emílio Zola, que tão retumbante papel desempenharia nesta famosa questão. Além do imperativo de consciência, animava esses homens o saberem que fora da França todo o Mundo, que seguia com enorme interesse a «questão Dreyfus», reconhecia Dreyfus inocente e olhava espantado e indignado para a histeria que se apossara da França, onde a luta se travava brava desde a Mancha ao Mediterrâneo, do Golfo da Gasconha aos Vosgos.

Dreyfus foi mais uma vez condenado em holocausto à «honra» do exército, mas desta vez apenas a 10 anos de detenção, tendo apelado da sentença. É nesta altura que Emílio Zola, defensor de todas as causas justas, se lança na refrega, obtida a certeza da traição de Esterhazy e da cumplicidade da camarilha do Ministério da Guerra para o ilibarem, e escreve a sua famosa carta ao Presidente da República, que era então Emílio Loubet, e que o jornal de Clemenceau *Aurore* publicou na sua primeira página. Processado também ele, o escritor é condenado a prisão e a pesada multa, tendo de refugiar-se em Inglaterra, depois dum julgamento tumultuoso em que se notabilizou o jovem advogado Labori e durante o qual o escritor recebeu os maiores doestos, insultos e ataques dos energúmenos, que uma imprensa canalha envenenava e incitava.

Por fim tudo serenou. Loubet amnistiou Dreyfus, em 1906 nova revisão do processo, realizado fora de toda a atmosfera de pressões externas, ilibou por completo o antigo capitão, que foi reintegrado no posto de major, morrendo já em nossos dias às vésperas da II Guerra Mundial, já esquecido do mundo e dos homens, depois de tantos dos seus perseguidores e causadores se encontrarem havia muito debaixo da terra.

Toda a França ofereceu então o triste espectáculo duma histeria colectiva, espécie de psicose que ameaçava degenerar em fúria capaz de fazer renascer as antigas perseguições da Idade Média. Não tendo sabido vencer em Froeschwiller, em Saint-Privat, em Gravelotte e em Sedan, os altos comandos militares franceses encarniçavam-se, 20 anos andados sobre a derrota, contra um pobre oficial indefeso, oferecendo à Europa e ao mundo civilizado o triste espectáculo da sua cegueira e da sua demência. Todo o exército francês ficaria, de facto, conspurcado se entre essa avalanche de militares odientos e odiosos não surgisse a figura nobilíssima do coronel Picquart que, em defesa do inocente, arriscou a sua própria carreira e até a sua vida apenas sob o impulso da Justiça. Foi ele quem teve a curiosidade de rever todas as «provas» acumuladas contra o capitão Dreyfus, verificando espantado que tudo era uma trágica farsada destinada a esmagar de vez o incriminado para salvar o crapuloso Esterhazy. E se por um lado essa foi a origem de todas as suas desditas e perseguições, pelo outro foi a luz que veio permitir a reparação do erro e a restituição do condenado à sua pátria, à sua família e à sua arma.

O processo Dreyfus foi um tumor de extrema gravidade, revelador de que a velha alma do Homem, apesar de tudo, estava ainda demasiado presa ao preconceito medieval para poder considerar-se curada.

Mas foi o nosso século que veio demonstrar de forma mais violenta e odiosa que o ódio de raça não se resigna a morrer de vez, dando origem à quintessência do Anti-Semitismo: o Racismo, que teve a sua consagração — horrível consagração! — nos campos de concentração de Dachau e de Buchenwald.

O Velho Lobo negro do Norte
E. C. D.

(Conclui na 8.ª página)

CONCLUSÕES

DA III REUNIÃO GERAL DE ESCOTEIROS-CHEFES EVANGÉLICOS

LOBITOS

1.ª — Cristo pela Sua acção e exemplo é o protótipo do perfeito Educador.

2.ª — A criança deve ser o centro do nosso trabalho e interesse para que a educação atinja o seu alvo completo.

3.ª — O Lobitismo para realizar de uma forma efectiva os altos ideais a que se propõe, deve fazê-lo tendo como base o Cristianismo.

4.ª — Educar é disciplinar. Sem disciplina não há educação possível.

5.ª — O Lobitismo entusiasmará tanto mais a criança, quanto mais a fizer viver a história da Selva. Através desta fantasia, criará hábitos de disciplina, e será, portanto, naturalmente disciplinada.

6.ª — Reconhece-se a conveniência de ser solicitada a colaboração dos pais do Lobito para que a nossa obra seja mais eficiente e para que possa ser conhecido o ambiente familiar em que a criança vive.

7.ª — Nunca se dará a compreender aos pais que o Lobito está sendo educado mais pelos métodos do Lobitismo do que pelos méritos dos pais, quando se reconhecer que estes não têm condições para educar.

ESCOTEIROS

8.ª — A educação pela responsabilidade só pode ser conseguida dando ao rapaz plena e inteira autoridade para agir.

9.ª — O rapaz precisa e aprecia trabalhos compatíveis com as suas faculdades, que encerrem responsabilidade.

10.ª — O estímulo é um incentivo para a sua educação quando proveniente de uma responsabilidade que lhe tenha sido confiada.

11.ª — O Escotismo tem como alvo a formação espiritual, o desenvolvimento físico e a preparação para a vida na sociedade, assim como o despertamento do interesse pela cultura, visando a formação do carácter.

CAMINHEIROS

12.ª — Reconhece-se a vantagem de formar dos escoteiros bons caminheiros para completa execução do plano educativo do Escotismo.

13.ª — Deve o Escoteiro-Chefe procurar constituir pelo menos uma equipa de caminheiros, onde possam ingressar os elementos do Grupo ao atingirem a respectiva idade.

14.ª — O Escoteiro-Chefe proporcionará à Divisão Caminheira elementos e planos de trabalho, dentro do espírito do caminheirismo, usando para isso os manuais da respectiva Divisão tanto nacionais como estrangeiros.

15.ª — A finalidade do caminheiro será servir, visando especialmente o serviço de Deus, da Pátria e do Próximo.

16.ª — O Ideal na vida do Caminheiro será o cumprimento fiel da Lei Escoteira e do Compromisso de Honra.

17.ª — A Igreja proporciona ao Caminheiro muitas oportunidades de servir.

18.ª — O Caminheirismo proporciona à Igreja uma fonte importante de elementos úteis à sua obra.

GUIAS (Movimento feminino)

19.ª — O Guidismo constitui uma oportunidade excelente para a rapariga portuguesa, proporcionando ensejo para treino de aptidões e desenvolvimento de virtudes femininas.

20.ª — O programa de actividades das guias abrange os mais variados campos, tais como técnica guidista, instrução de especialidades, de grande interesse para a vida da rapariga, acção social e cultural, desportos e outras.

21.ª — A Guia-Chefe deverá organizar os seus programas de forma agradável, evitando cair na rotina pela constante repetição dos mesmos assuntos.

22.ª — Uma Companhia de Guias não é uma confraria religiosa, nem uma catequese ou escola dominical, mas toda a vida da guia e toda a acção guidista terá sempre um cunho acentuadamente espiritual, impregnado de Cristianismo, de reverência para com Deus.

23.ª — A Guia-Chefe deve procurar conhecer o ambiente familiar vivido pela guia.

24.ª — Pelo menos uma vez por ano será organizada uma reunião especialmente dedicada às famílias, procurando que estabeleçam íntimo contacto com o Movimento e dedicando-lhes uma mensagem particular.

(Continua na 8.ª página)

PROVAS DE 1.ª CLASSE

COZINHA

POR JÚLIA RIBEIRO

12 — Cozinhar dois pratos além do aprendido para a prova de segunda classe.



A alimentação dos escoteiros nos acampamentos é assunto que merece toda a ponderação e não deve ser resolvido de improviso. O Escoteiro de 1.ª classe terá de conhecer alguns princípios básicos sobre alimentação, antes mesmo de saber cozinhar.

A alimentação no campo será abundante e saudável. Evitar-se-ão os pratos muito condimentados e demasiadamente ricos em gorduras. Serão também utilizados com muita prudência os alimentos de digestão difícil. Os vegetais serão sempre preferidos, especialmente aqueles que puderem ser ingeridos crus, por exemplo: Cenouras, rabanetes, tomates, alfaces, agriões, etc., tão fáceis de obter no campo.

Em virtude da vida de acampamento exigir muito esforço, o primeiro almoço deve ser abundante e nutritivo. O café deve ser banido da alimentação matinal no campo. O leite é o alimento ideal para o primeiro almoço ou, então, farinhas com este preparadas. Por exemplo:

Flocos de aveia, sêmola, aletria, farinhas alimentares. O leite deverá ser fervido, dada a impossibilidade de conhecer a sua origem e o perigo do contágio de doenças, especialmente a tuberculose, proveniente de vacas atacadas pelo mal. Como o leite fervido perde muitas das suas melhores características, será preferível a adopção de leite pasteurizado ou, mesmo, de leite em pó de origem digna de confiança.

O cacau ou o chocolate preparado com leite são também uns bons alimentos para o primeiro almoço.

O almoço será uma refeição abundante. Convém variar as ementas. Sempre que possível, deverá constar desta refeição um pouco de queijo para facilitar a digestão. A fruta, se possível com abundância, deve ser também usada, incluindo nestas as nutritivas frutas secas.

O jantar deverá ser a refeição menos abundante e nunca será tomado demasiadamente tarde, a fim de que os escoteiros tenham tempo de fazer a digestão antes de recolherem às suas tendas.

À noite poderá ser servida uma bebida quente, mas nunca chá ou café. Mais uma vez, o leite poderá ser usado com vantagem. Na sua falta, qualquer tisana será de aconselhar. Os que conhecerem as plantas silvestres, terão facilidade de encontrar algumas úteis para este fim, tais como: pinheirinho, erva-prata, marcela, eucalipto (fraco).

A boa qualidade dos alimentos é essencial a uma boa cozinha. A carne deverá ser fresca. Conhece-se que a carne é fresca se tiver uma cor viva e não possuir mau cheiro. Se a carne apresentar uma cor negra e mau cheiro deve ser recusada.

Também o peixe deve ser fresco. Conhece-se a frescura pelos olhos. Estes devem ser vivos e o peixe não deve ter uma cor esbranquiçada e apresentar mau cheiro.

A criação deve ser sempre comprada viva e os animais devem ter boa cor e vivacidade.

Os ovos, os legumes, as massas e as batatas são bons alimentos para a cozinha do campo. O pão será também abundante em todas as refeições.

(Continua no próximo número)

FILATELIA ESCOTEIRA

(*Conclusão da página 6*)

Polónia — 1938 — N.º 420 — Comemorativo do Jamboree de Pomoc.

Qatar — 1957 — Série de 3 selos comemorativa do Jamboree do Jubileu.

Roménia — 1931 — N.ºs. 422/6 — Série comemorativa da Exposição de Escotismo de Bucareste; 1932 — N.ºs 440/5 — Série comemorativa do Jamboree Nacional de Sibiu; 1936 — N.ºs. 505/7 — Série comemorativa do Jamboree Nacional de Beasov; 1938 — N.ºs. 536/46 — Série em benefício da Straja Tarii (organização escotista romena); 1939 — N.ºs 570/80 — Série em benefício da Straja Tarii; 1940 — N.ºs. 603/10 — Série em benefício da Straja Tarii.

Turquia — 1938 — N.º 898 — Selo comemotivo escotista, da série comemorativa do XV aniversário da proclamação da república; — 1946 — Selo com motivo escotista.

Além dos selos indicados, estiveram patentes numerosas quadras, blocos, postais e sobrescritos comemorativos com carimbos de 1.º dia de circulação. Não foram apresentadas, entre outras, as seguintes séries e selos de cuja existência temos conhecimento.

Cabo da Boa Esperança — 1900 — N.ºs. 21/3 — Série comemorativa do cerco de Mafeking.

Checoslováquia — 1918 — N.ºs. 1 e 2 do catálogo de Gibbons.

Liechtenstein — 1932 — N.º 110 — Selo com motivo escotista de série pró-infância.

Mascat e Dubay — 1957 — Série de 3 selos comemorativa do Jamboree do Jubileu.

República Dominicana — 1957 — Série de 8 selos comemorativa do Jubileu do Escotismo.

Roménia — 1935 — N.ºs. 481/5 — Série com motivos escotistas.

Sião — 1920 — N.ºs. 165/171 — Série dedicada aos Tiger Corpos (Corpo de Tigres Brancos), organização com características escotistas.

Dos amigos do "SEMPRE PRONTO"

Doentes — O nosso estimado amigo sr. Aníbal Rodrigues Horta, subchefe do Grupo n.º 84 do Entroncamento, em virtude de uma queda que deu em sua casa, tem estado retido no leito magoado num pé. Desejamos-lhe rápido restabelecimento.

De Luto — Pelo falecimento de sua saudosa irmã, sr.ª D. Emília Silva, ocorrido em 26 de Fevereiro passado, encontra-se de luto o nosso estimado assinante sr. Luciano Silva, antigo dirigente escotista, a quem apresentamos condolências sentidas.

O «SEMPRE PRONTO»
Vende-se na «Agência EVA»
Rua Nova do Almada, 68
LISBOA

Agentes-Correspondentes

Entre os mais dedicados colaboradores do «Sempre Pronto» contam-se os nossos Agentes-Correspondentes, que, em diferentes pontos do país, trabalham zelosamente a favor da expansão do nosso jornal. Podemos afirmar que enquanto o «Sempre Pronto» poder contar com colaboradores tão dedicados, a sua publicação está assegurada.

Algumas vezes, porém, as exigências da vida obrigam estes nossos amigos a cessar as suas funções. Porém, quase sempre o fazem depois de procurarem garantir o *render da guarda*, indicando-nos o seu substituto. Aconteceu isso agora em Faro. O nosso Agente, sr. Fernando Rosa da Conceição Matos, por motivo da vida militar, indicou para o substituir interinamente, primeiro o sr. António Norberto de Sousa Cunha e, depois, o sr. José Domingos Barão. Todos estes amigos prestaram bons serviços ao «Sempre Pronto», tendo agora sido indigitado para prover difinitivamente o lugar o sr. Eduardo dos Santos Gonçalves, outro dedicado amigo do nosso jornal, de cuja colaboração muito podemos esperar.

Também no Entroncamento — terra onde o nosso jornal tem um bom número de amigos — houve uma substituição. O nosso antigo correspondente sr. Manuel Ferreira Valério, a quem «Sempre Pronto» deve importantes serviços, pediu a sua demissão Foi substituído pelo nosso amigo sr. Manuel do Rosário Azevedo, de quem igualmente esperamos a melhor colaboração.

A todos «Sempre Pronto» apresenta os seus agradecimentos.

MÁQUINAS DE ESCREVER
SOMAR E CALCULAR
NOVAS E USADAS
VENDAS COM FACILIDADES DE PAGAMENTO
ALUGUER DE MÁQUINAS DE ESCREVER
OFICINA DE REPARAÇÕES
COM PESSOAL ESPECIALIZADO
ORÇAMENTOS GRÁTIS
QUINTINO, L.DA
RUA DA PRATA, 141, 2.º
TELEF. 36 73 73
LISBOA



Conclusões da III Reunião Geral

(Continuação da página 7)

25.ª — Serão também organizadas anualmente uma ou duas actividades de campo convidando especialmente as famílias para assistirem às mesmas, para que possam conhecer o trabalho guidista no campo.

O ESCOTISMO E A IGREJA

26.ª — O primeiro dever do Escoteiro-Chefe cristão é dar testemunho de Jesus Cristo através da sua vida.

27.ª — O Escotismo que não conduzisse o rapaz ao conhecimento de Deus careceria de objectivo.

28.ª — O Escoteiro-Chefe deve anunciar o Evangelho ao rapaz escoteiro, porque reconhece ser essa a melhor inspiração para a sua vida; a Boa Nova que ele não poderá ocultar.

29.ª — As famílias dos candidatos a escoteiros deverão ser informadas da orientação religiosa do Grupo.



30.ª — Que a 4.ª Reunião-Geral de Escoteiros Chefes Evangélicos se realize em 1, 2 e 3 de Novembro de 1960.

Lisboa, 30 de Março de 1958.

A COMISSÃO REDACTORA DE CONCLUSÕES
aa) JOSÉ DE JESUS FERREIRA
JOEL RIBEIRO
EDUARDO RIBEIRO
CAPITOLINO FERREIRA MACEDO